

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA DANÇA PARA USUÁRIOS DE CADEIRA DE RODAS: UMA NOVA PERSPECTIVA DE AULA PARA O DOCENTE NA ÁREA DA DANÇA.

AN EXPERIENCE REPORT IN DANCE FOR WHEELCHAIR USERS: A NEW PERSPECTIVE OF LESSON FOR TEACHERS IN THE DANCE AREA.

Mateus Vasconcelos

Resumo

O presente trabalho, relata as experiências obtidas a partir das observações e das práticas, desenvolvida na Cia Dançando sobre rodas, uma cia de dança específica para pessoas com deficiência usuárias de cadeira de rodas, cuja a realização aconteceu na cidade de Taubaté, São Paulo com seis bailarinas. Este relato tem como objetivo, compartilhar as experiências e metodologias criadas durante estes seis anos de estudo como coreógrafo e professor, cuja a pretensão foi realizar processos didáticos relacionados ao movimento para pessoas com deficiência, possibilitando descobrir suas potencialidades e uma movimentação mais orgânica das bailarinas. Para subsidiar a pesquisa, contou-se com a contribuição teórica de: Carvalho (2004), Nanni (2003), Arruda (1998) e Minello (2006). Para tanto, a metodologia que sustenta este relato esta pautada na observação participante e uma análise de conteúdos corporais profundas. Nos resultados alcançados percebe-se a importância do trabalho como uma forma de inclusão, e que é possível perceber uma grande quebra de paradigma que a pessoa com deficiência pode sim projetar seus movimentos da forma e tempo que for necessário, e com isso houve mais compreensão de propostas corporais, um auto estima entre elas e até mesmo uma nova perspectiva de movimentação por meio do uso da tecnologia. A dança para cadeirantes é de grande importância para a formação de outros docentes, voltada para a área da dança inclusiva, principalmente nas escolas de dança. Pode se considerar que a dança inclusiva é uma etapa essencial para quebrar paradigmas mediante a constituição da tradição da dança, contribuindo assim para a construção da identidade profissional do mesmo. As conclusões apontam para a importância o docente precisa levar em consideração que este corpo deficiente estará sempre em continuo processo de construção, ou seja, quanto mais for o número de experiência que ele propor a bailarina, tanto motora quanto afetiva, melhor será a sua chance de se desenvolver integralmente.

Palavras-chave: Inclusão. Dança. Metodologia.

1 Introdução

A Dança para usuários de cadeira de rodas tem um papel fundamental no desenvolvimento da pessoa cadeirante, pelas possibilidades de ações que envolvem a construção do pensamento, associações de ideias para produzir um movimento associado a música ou que tenha conotação afetiva-emocional ou reacional, fundamentadas para organização espaço-temporal. Além disso, é uma meio favorável para que o docente observe este ser em movimento, dançante que constrói conceitos e ideias sobre o seu próprio corpo e sua deficiência, tendo uma comunicação por meio da linguagem corporal, desenvolvendo um

olhar para o docente não só pela parte estética física, mas também para um olhar artístico deste ser em movimento, fazendo dessa observação um meio de refletir sobre a dança formando docentes conscientes e pesquisadores de movimento. Como educador e praticante da referida arte inclusiva, percebo o quanto é deficiente a arte entre rodas para a sociedade contemporânea. Partindo da necessidade de trazer uma reflexão sobre a importância do quanto pode ser rico ao docente a sua observação e criação de meios que possam criar um desenvolvimento para os usuários de cadeira de rodas, realizou-se uma breve pesquisa, buscando referenciais teóricos que expusessem o olhar sobre a reformulação do movimento para pessoas com deficiência, trazendo uma reformulação na dança para usuários de cadeira de rodas.

Valdevite (2010) relata em um dos seus textos que a dança promove melhora do equilíbrio, postura e direção, pelo fato desta ser determinada por movimentos locomotores, conscientização, alinhamento do corpo, ritmos, e direções espaciais, além de favorecer positivamente aspectos emocionais, pois mostra ao deficiente uma nova forma de comunicação.

Diante tudo isso, podemos questionar sobre o porquê de os docentes na área da dança não criarem metodologias ou estudos, já que são tão claros os benefícios e influência desta conscientização corporal, trazendo uma influência cultural da sociedade?

2 Metodologia

A formatação da sistematização e observação foram realizadas na Cia Dançando sobre rodas no Município de Taubaté-SP. As duas propostas de pesquisa de trabalho corporal e coreográfico foram construídas de uma forma coletiva, e postas em prática pelo diretor e professor da cia de dança Mateus Vasconcellos.

A observação corporal e prática ocorreram com seis bailarinas usuárias de cadeira de rodas ao longo da trajetória da Cia durante seis anos, sendo reformulada no ano de 2020, trazendo o formato de aulas e pesquisas corporais online. A Cia conta com direção, bailarinas, assistente geral e voluntários rotativos para cada evento. Visto que, o tempo desta formulação e prática, como já dito, foi desenvolvido ao longo de seis anos, dando início no ano 2016 e concluindo alguns caminhos de pesquisa corporal em 2021. A rotina da Cia é dividida em dois dias de aula até março de 2020, sendo um dia de técnica corporal e técnica de manuseio a cadeira e outro artístico, proporcionando contato e improvisação e criação individual e coletiva. Após março de 2020, as aulas passaram a ser de forma remota e sendo uma vez por

semana com duração de 1h30 minutos, proporcionando mais o lado técnico para a manutenção corporal das bailarinas. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam os fenômenos em seus cenários naturais, tentando entender os termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Seguindo essa linha de raciocínio, Vieira e Zouain (2005) afirmam que a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que os envolvem. Durante as aulas também foi utilizada a observação participante como um dos fatores mais importantes na pesquisa corporal que de acordo com Deslandes (1994),

Se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos [...] a importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real (DESLANDES, 1994, p. 60).

As formas de registro escolhidas foram a de nota de campo e a fotográfica, baseadas fundamentalmente na observação e nos movimentos de intervenções. Essas formas de registro proporcionam um mecanismo que junto docente e bailarinas puderam traçar uma metodologia, assim como as intervenções realizadas no processo de criação.

No processo também foi utilizado a vídeo gravação, pois é uma rica fonte de elementos de estudos, especialmente, em pesquisas que precisam ser analisadas não só a parte artística, mas também a parte anatômica da bailarina, afinal, como registrar tantos detalhes, tantas relações e pesquisas para depois analisar sobre o que foi desenvolvido? O corpo por si só fala, e muitas vezes, não conseguimos traduzir à primeira vista.

3 Resultados e discussões

Cia. Dançando sobre rodas

3.1 Observação

Durante todo este período de observação foi notória a falta de confiança e repertório corporal, pois a movimentação delas eram “engessadas”, baseadas apenas na movimentação de braços, e simples giros na sua cadeira de rodas, estando sempre quietas ou esperando um

comando do docente. Quando se buscou fazer com que elas trabalhassem seu movimento expressivo, improvisação para se trabalhar um momento de movimentação livre, não se obtinha tanto resultado. Durante os anos de Cia, ocorreram muitas apresentações, ensaios, turnês internacionais, gravações de clipes e montagens coreográficas, por meio de ensaios e apresentações foi possível perceber a importância do docente consciente, que proporcionou técnicas e caminhos para que aquelas bailarinas usuárias de cadeira pudessem compreender seu espaço e seu lugar na dança, tendo em vista a relação das bailarinas com a sua movimentação e a maneira como elas enxergavam a dança e seu corpo. No início dos ensaios e montagens, as bailarinas mostravam-se distantes da concepção que o docente propunha, o docente não compreendia os caminhos que pudessem permear uma dança inclusiva. As bailarinas mostravam-se distante, pois não havia uma estruturação de aula que tivesse uma demanda de estímulos e movimentos extraídos da própria bailarina.

Em uma conversa com os demais docentes de escolas de dança foi constatado a falta de formação e materiais que retratem a dança inclusiva de uma forma geral, sendo também afirmado que algumas formações sobre dança inclusiva eram vagas ou sem aprofundamento de pesquisa e observação.

Em janeiro de 2021, o último mês de observação para este artigo, foi feito um teste, uma docente foi convidada para observar as bailarinas e como elas reagiam mediante as aulas online e toda sua progressão técnica e artística, nas aulas foram exploradas técnicas em que as usuárias de cadeira de rodas fossem ao chão e dançassem, até as técnicas na cadeira de rodas. A partir da observação de uma docente de fora da Cia, o docente pode perceber as necessidades na formulação da metodologia, técnica ou sistematização de uma dança mais favorável a usuárias de dança de cadeira de rodas. Neste dia de teste, foi conectado a uma plataforma digital, em que todas as bailarinas fizeram sua aula de 1h30 minutos, dividido no processo técnico estudado e parte artística, proporcionando o improviso corporal.

A reação das bailarinas foi um pouco de insegurança devido ao processo digital ser uma novidade, tinha músicas que possuíam apenas instrumentos e na improvisação uma música mais agitada que elas já conheciam. Durante o processo da aula observada pela outra docente, buscou-se aprofundar mais no processo técnico, nos mecanismos de repetição e entendimento da bailarina, isto se torna um pouco desgastante para o entendimento das mesmas por não ter um auxílio presencial. Esse movimento de não ter auxílio causou uma preocupação no docente, pois o processo técnico é um dos mais importantes para a fundamentação metodológica, e foi a partir desta necessidade que as intervenções foram pensadas. Tentou-se responder às questões: o que será necessário para as bailarinas se

apropriarem da técnica a distância? Qual recurso poderá ser utilizado a favor de desenvolver este processo técnico e artístico online?

3.2 Planejamento

Diante das dificuldades observadas pela docente convidada e pelo docente que aplica os processos, algumas questões foram levantadas e a principal foi pensar uma forma que elas pudessem desenvolver a proposta técnica, de forma mais fragmentada e consciente, trazendo para a realidade corporal de cada uma. Para desenvolver esse processo foi usado a gravação de áudio descritivo de cada exercício para que as bailarinas estudassem durante os dias que não tinham aula, assim elas ficavam familiarizada com a nomenclatura e exercitavam a memorização do exercício proporcionando um grande rendimento.

Diante disso, Minello (2006) diz que “o objetivo maior em ensinar dança é juntamente ir de encontro a toda e qualquer vivência corporal pela qual as pessoas com quem estivermos trabalhando, possam se apropriar e se relacionar com a dança”. (MINELLO, 2006, p. 39). Não há dúvidas que o docente deve sempre valorizar a bagagem da vivência corporal que o ser dançante traz consigo, e a partir disso, o docente deve proporcionar diferentes formas de movimentações e perspectivas corporais. Essas vivências têm um papel significativo tanto no movimento em si, como na mudança de perspectiva da bailarina, tornando-as mais confiantes, comprometidas, criativas e críticas perante a sociedade.

A dança inclusiva é fundamental para as pessoas com deficiência. Algumas pessoas com deficiência seguirão o lado artístico e profissional, outras irão praticar com o cunho mais de socialização, e o docente precisa perceber isso, pois muitas destas pessoas podem utilizar da dança como uma maneira de superar seus limites e provar que são capazes de dançar ou de executar tal movimento. Cabe ao docente fazer uma análise das aulas online e proporcionar uma maneira para que as bailarinas conheçam as técnicas de execução do movimento, além de utilizar artifícios para adotar atitudes de valorização e apreciação na construção dos movimentos por meio dos áudios.

Quando nos damos uma chance de explorar o novo, a movimentação por meio daquele artifício, que no caso é uma tela, sem compromisso a primeira instância, e depois como uma técnica fragmentada respeitando o tempo de cada bailarina, vários benefícios e movimentações são adquiridas com o tempo. Sobre isso afirma Arruda, (1988, p. 15) “a arte do movimento, além de desenvolver as formas individuais e coletivas de expressão de criatividade de espontaneidade, concentração, autodisciplina, promove uma completa

interação do indivíduo (...)”. Mediante estas constatações é preciso que o docente busque estar atento ao que está acontecendo na sociedade e estar atento ao que o corpo da bailarina deficiente diz. Perceber quais os movimentos que estão sendo realizados nos estudos online, considerar uma nova forma de criar possibilidades corporais com a tecnologia, promover outras e/ou várias interações e expressões corporais por meio da dança inclusiva, para que de fato ocorra um aprendizado mútuo, integrado e global entre docente e bailarinas que irão repercutir para outros profissionais e bailarinos com deficiência. Esse processo metodológico precisa ser observado com um aprofundamento do docente partindo de fatores primordiais sendo eles: o psicológico, que proporciona formas de expressar o sentimento, o social, que desenvolve formas individuais e coletivas de expressão, de criatividade, e o motor, que tem o objetivo de ampliar o “acervo motor” das bailarinas. Nesse sentido, Nanni (2003) afirma que “o educando é um ser dinâmico, com múltiplas habilidades físicas e intelectuais e outras, portanto, com várias indagações naturais. O movimento é de vital importância para seu desenvolvimento” (NANNI, 2003, p.7).

3.3 As intervenções nas aulas online

Percebemos que a dança tem uma grande contribuição no social, cultural e político, ou seja, que o docente seja capaz de criar raízes que irão perpetuar benefícios aos bailarinos, e que o mesmo possa analisar as potencialidades de desenvolvimento e aprendizagem, conhecendo as limitações e adaptando-se às diversas formas de explorar o corpo da sua bailarina. Pensando nisso, Carvalho (2004) diz que:

Uma vez valorizada a diversidade (quero e ajo para que meus alunos tenham experiências e saberes múltiplos), não se terá mais a inquietação de responder sobre se alguém aprendeu como o outro, mas de observar e acompanhar curiosamente o jeito sempre inusitado e mágico de cada um viver, de cada um vir-a-ser, no seu tempo e a seu tempo, cuidando, acolhendo, compartilhando diferentes jeitos de aprender. (CARVALHO, 2004, p. 9)

Partindo do pressuposto que a dança inclusiva deve significar a transposição de barreiras e afirmação de conquistas diante da sociedade, Garret (1993) diz que a dança é uma forma singular de ver e explorar o mundo e, pode levar as pessoas a refletirem sobre elas mesmas, sobre a cultura e sobre seu modo de viver.

Desse modo, a percepção do docente mediante as adaptações necessárias para as aulas no formato online deve tratar a concepção de sociedade, tirando a concepção do ser humano perfeccionista, de um certo modelo estético e fisiológico de dança e incluir todas as potencialidades exploradas ao longo da pesquisa. Para isso foram desenvolvidas aulas que

envolvessem uma nova perspectiva de dança como forma de compreender o processo corporal na contemporaneidade, utilizando de artifícios mecânicos e possibilitando processos coreográficos que tragam uma reflexão, entendendo que incluir de fato não tem a ver com a adaptação de tudo, somente daquilo que é necessário. As intervenções aconteceram de maneiras mensais, pois a adequação dos exercícios é de forma fragmentada para que possamos compreender todo o processo corporal e técnico.

No primeiro mês de intervenção, iniciou-se com um processo corporal utilizando objetos, o qual se pretendeu usar elementos do cotidiano e até mesmo adaptar-se ao ambiente que a bailarina estava no momento da aula online, proporcionando um estímulo para descoberta de possibilidades de movimentação corporal. A aula aconteceu em uma plataforma digital, as bailarinas estavam nas suas casas, onde cada uma pode escolher um objeto que mais favorecia sua estrutura fisiológica. No seu desenvolvimento, as bailarinas escolheram elementos como bola, foi pedido para que elas passassem o objeto por todo seu corpo, às vezes transferir o peso, tentar soltar e pegar a bola, foram estimuladas e desafiadas a perceber fotografias corporais que pudessem aproveitar em seu momento coreográfico. As bailarinas no início estavam com dificuldade de entender a proposta, porém, conforme repetia-se a explicação trazendo a pauta os objetivos, elas demonstravam mais interesse em manusear a bola ou objeto proposto. Em seguida começaram aparecer os resultados de descobertas corporais e após este processo, foi pedido que retirassem a bola para repetir o mesmo processo sem o objeto, proporcionando às bailarinas uma liberdade de conduzir sua movimentação por um repertório já conhecido. Nesse processo foi possível estimular a psicomotricidade de uma forma geral e também seu processo de percepção corporal.

No segundo mês, foi utilizado o processo de contato com o chão, pois faz-se necessário tirar a bailarina da sua zona de conforto que no caso é sua cadeira de rodas. Muitas vezes ela fica limitada àquela condição, mesmo sabendo que ela realmente pode evoluir muito mais, e o contato com o chão neste primeiro momento é importante para que ela possa sentir as partes do corpo no chão e seus possíveis movimentos. Vale ressaltar que o primeiro contato que a aluna deve ter é dela com o chão, e não dela com o professor. No seu desenvolvimento, precisou que nos primeiros dias de aula, a aluna tivesse um contato íntimo com o chão, para ela criar confiança em certos movimentos e até mesmo prepará-la para uma possível queda.

Observa-se que os exercícios aplicados no chão são variáveis, como uma forma mais artística. Mas o que precisa estar claro ao docente é que ele precisa conquistar a confiança dos alunos, trabalhar com ele no chão, apoio de corpo, e principalmente sua força muscular. As bailarinas, não tinham o domínio do contato com o chão, o que dificultava mais ainda, por ser

uma aula no formato online; o docente teve que recorrer à diversas formas de aplicar o mesmo exercício utilizando colchão, colchonetes e até o próprio chão ao longo desta pesquisa. Foram trabalhados apoios e rolamentos com as bailarinas, e isso fez com que elas sentissem o peso do corpo e que o trabalho de chão é necessário. Nesse processo, foi possível estimular o contato com o chão e principalmente prepará-las para cair no chão de uma forma que não se machucassem caso aconteça em um ensaio ou apresentação.

No terceiro mês, foi utilizado o processo de improvisação com objetivo de estimular o lado artístico, pois na Cia Dançando Sobre Rodas as aulas são divididas em dias técnicos e dias artísticos, para que a bailarina possa realmente dançar e descobrir movimentações; foram aplicados desafios, momentos e músicas que elas puderam sentir que estão no caminho certo. A aplicação deste exercício é fundamental principalmente no dia que você percebe que as bailarinas estão cansadas fisicamente, funcionando como uma válvula de escape, pois elas começam a reproduzir movimentos que viram em algum lugar ou que estavam ensaiando há muito tempo. Colocou-se uma música e o docente pediu para elas desenvolverem algumas formas geométricas, alguns níveis e transições de cadeira para o chão, chão para cadeira, momentos em que todas têm que dançar igual, outros momentos todas têm que tocar umas nas outras. Fazendo este roteiro, além de dar espaço para suas bailarinas criarem aquilo que para elas é dança, o docente está ajudando no futuro processo coreográfico. O docente acredita que este momento é o mais importante para suas bailarinas, elas, às vezes, se veem e o docente mostra para elas o poder de criar e ser quem realmente são na dança, aí o amadurecimento corporal começa a surgir e o docente a prepará-las para o palco.

Por fim, foi realizado o processo coreográfico a distância, o qual tinha por objetivo estimular a autonomia e colaborar com a absorção de todo este estudo desenvolvido ao longo destes 3 meses online e 6 anos de contextualização corporal e fundamentação técnica para usuários de cadeira de rodas. Após receberem uma roteirização descritiva e áudio descritivo de como seria a gravação, a movimentação e a forma de interpretar corporalmente, o docente deixou livre a interpretação da leitura, favorecendo entre elas diálogos e até mesmo uma nova forma de produzir arte por meio de vídeo art. O ponto negativo deste processo é que algumas bailarinas não podiam contar com ajuda de responsáveis e a gravação ficou com uma qualidade inferior das bailarinas que tiveram ajuda. Desse processo, saiu um resultado formidável, houve uma quebra de pesquisa corporal, com o uso da tecnologia e assim tendo novas perspectivas de dança e movimentação.

Diante deste processo relatado em três meses de observações e intervenções foi possível perceber uma grande quebra de paradigma que a pessoa com deficiência pode sim

projetar seus movimentos, e com isso houve mais compreensão de propostas corporais, um aumento de autoestima entre elas e até mesmo uma nova perspectiva de movimentação por meio do uso da tecnologia.

Considerações finais

Ser docente observador e participativo é muito importante para compreender o que seus bailarinos/ alunos necessitam em um determinado momento, pois é necessário estudar, estar em constante evolução, já que não existem técnicas corretas e sim caminhos que podemos seguir a partir da devolutiva dos alunos. E lembre-se, dançar sobre rodas sempre será mais do que mexer os braços, usar lenços e deixar seu aluno parado na roda, enquanto, outra dança em torno dele. Dançar sobre rodas é voar mesmo sabendo que não sairá do chão, é deslizar para caminhos jamais imaginados, é girar por sonhos e esperanças de novas experimentações. Dançar sobre rodas vem do coração, vem do íntimo, não queira malabarismos ou grandes efeitos, queira arte, sensibilidade, seus alunos/bailarinos precisam disso neste momento, mostre o quanto eles são importantes nesta vida chamada dança. Não há fórmulas corretas, ou certo e o errado, há caminhos, possibilidades, descobertas, formas de pensar a dança, formas de construir pontes e metodologias.

Por meio deste processo de pesquisa é possível identificar o quanto o docente tem um papel importante como mediador da dança, sendo ele responsável por estimular os aspectos motores, intelectuais, psicológicos e sociais.

Na dança com usuários de cadeira de rodas, o docente precisa compreender que a base de uma boa pesquisa corporal é envolver diferentes contextos e finalidades corporais, abrangendo o máximo possível de percepção e consciência corporal. Contudo é preciso promover aos docentes que trabalham na área da dança o desenvolvimento das potencialidades do movimento corporal e dos principais fatores que podem ser desenvolvidos em uma pessoa usuária de cadeira de rodas, contribuindo significativamente no processo corporal e também de inclusão priorizando as características e funcionalidades de cada aluno/bailarino. Trazendo ao docente a discussão e a prática de diversas formas, pensando e fazendo com que os processos de reprodução da dança passem por um processo de redescoberta do movimento respeitando sempre as individualidades de cada corpo, de cada pessoa; que cada bailarino em movimento se expresse como pode e o docente consiga interpretar de forma pessoal cada corpo de cada indivíduo, mesmo em um processo técnico. O processo de aula para o docente precisa levar em consideração que este corpo deficiente estará

sempre em contínuo processo de construção, ou seja, quanto maior for o número de experiência que ele propuser a bailarina, tanto motora quanto afetiva, melhor será a chance do mesmo se desenvolver integralmente.

Referências

ARRUDA, S. **Arte do movimento:** as descobertas de Rudolf Laban na dança e ação humana. São Paulo: PW Gráficos; Editores Associados, 1988.

BDERNABÉ, R. **Dança e deficiência:** proposta de ensino, 2001. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campina, Campinas 2001.

CARVALHO, R. E. **Educação Inclusiva com os Pingos nos “IS”**, Porto Alegre: Mediação, 2004.

MARQUES, I. A. **Interações:** criança, dança e escola. São Paulo Blucher, 2012, p.35 (coleção interações)

MINELLO, D. **A dança e as práticas educativa:** uma experiência corporal reflexiva na formação de professores, 2006. 288f, Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Santa Maria, Santa Maria, 2006.

NANNI, D. **Dança:** Educação-Pré escola à Universidade. 4. ed. RJ: Sprint, 2003.